

25-07-2021

O CERCAMENTO DAS ÁGUAS DO CERRADO

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]



Barragem de rejeitos de mineração de cobre e ouro em Alto Horizonte (GO). Do autor, 2022.

As águas do Cerrado estão feridas. Nascentes, aquíferos, rios, córregos, veredas e bacias hidrográficas estão expostas à voracidade do capital extrativo global. Consequentemente, feridas foram abertas e permanecem expostas diante do desmatamento, uso de agrotóxicos, construção de empreendimentos hidroelétricos, abertura de canais de irrigação, barragens de rejeitos, minerodutos e megaminas a céu aberto ou subterrâneas. Mineração, agronegócio, turismo, hidronegócio energético e indústria farmoquímica mapeiam os bens comuns naturais do Cerrado e transformam esse território em fonte de commodities.

Conforme Chaveiro (2019), isso representa o avanço da “hegemonia predatória” nos territórios do Cerrado. O autor demonstra que há uma economia baseada na agro-minero-exportação que se torna hegemônica, passando a exercer o domínio econômico predatório desse Bioma-Território. Nos territórios do Cerrado, terra, água e subsolo (minérios) estão em disputa e na centralidade dos conflitos frente às novas fronteiras de cercamento dos bens comuns naturais. Há no Cerrado o que o geógrafo David Harvey (2018) denomina “novos cercamentos”. Isso representa a transformação das dádivas gratuitas da natureza em mercadorias que movimentam o “ecossistema global do capital” (Harvey, 2018). Desde os anos 1970 vê-se uma escalada de crescimento da economia nos territórios de domínio do Cerrado, fomentando a concentração fundiária, a extinção de espécies, a urbanização, o surgimento de novos milionários e o hidrocídio. Para o antropólogo Altair Sales Barbosa (2022), a devastação sistemática da vegetação do Cerrado (cujas raízes profundas são fundamentais para o sistema hidrológico do bioma) compromete as águas subterrâneas e promove a amputação de bacias hidrográficas. “*Essa amputação se inicia com a migração das nascentes até o desaparecimento total de muitos cursos d’água. Esse é o início do fim, que se conclui com a morte do rio e de todo seu entorno, incluindo a desestruturação de comunidades humanas, através da desterritorialização*” (Barbosa, 2022, p.1).

A leitura crítica do cercamento das águas requer a compreensão das transformações territoriais. A multiplicação de seus usos, inclusive virtuais, incide nas nascentes, nos aquíferos, na vazão dos canais e nas bacias hidrográficas. Daí, pode-se enxergar uma síntese entre o crescimento econômico no território do Cerrado e a dilapidação das águas em várias escalas de intensidade e sob distintos usos. Ou seja, o modelo de desenvolvimento econômico é o modelo de predação, cercamento ou “sequestro das águas” (Moraes, 2022). Aquilo que seria uma dádiva do Cerrado - suas bacias, seus aquíferos e a distribuição territorial dos canais - torna-se fonte de atração e territorialização dos monopólios. A geração de riquezas e a concentração de monopólios demandam o controle e os usos das águas, como é o caso da mineração, cujos processos de extração, processamento e transporte (minerodutos) são hidroativos e estimulam conflitos ambientais nas comunidades locais impactadas. O cercamento das águas é indissociável do cercamento do subsolo do Cerrado, que está em disputa, como expressão do processo de cercamento através dos processos minerários ativos no período 2018-2021. Neste intervalo foram realizados 12.518 requerimentos e autorizações de pesquisas, e 226 requerimentos e concessões de lavra (ANM, 2022). Com foco nas áreas contínuas do Cerrado, destaca-se a apropriação do subsolo no leste de Mato Grosso; centro, norte e nordeste de Goiás; e sul e leste do Tocantins. Com relação às águas, a existência de centenas de barragens de rejeitos de mineração intensifica o sacrifício de nascentes, córregos e rios, expondo populações locais a “sofrimento ambiental” (Souza, 2019) e “terrorismo de barragens” (Manuelzão, 2019), diante do risco de rompimentos como ocorreram em Mariana (MG) e Brumadinho (MG). São aproximadamente 249 barragens de rejeitos neste Bioma-Território, o que representa 33% do total desse tipo de estrutura no Brasil (Barcelos, 2021). O cercamento das águas do Cerrado também ocorre através de outorgas para distintas atividades econômicas, especialmente ligadas ao agronegócio, como a irrigação. O número de outorgas emitidas pela Agência Nacional das Águas (ANA) no Cerrado e áreas de transição é de 30.398, sendo 67% subterrâneas e 33% superficiais. Apenas a irrigação é responsável por 74% da vazão outorgada (Barcelos, 2021).

À vista disso, constata-se que as águas do Cerrado, assim como as terras e os minérios, transformam esse bioma em território em disputa. Mas povos e comunidades se levantam e constroem distintas formas de resistências contra a predação dos bens naturais e as ameaças à cultura e aos modos de vida locais. Para os povos do Cerrado, as águas são abundantes para a vida, não para o capital.

■ ■ ■

Referências

- ANM – Agência Nacional de Mineração. Brasília/DF, 2022.
- Barbosa, Altair S. *A morte silenciosa dos rios do Cerrado*. Jornal Opção, 22/03/2022.
- Barcelos, Eduardo. *Atlas das águas do Cerrado*. Instituto Federal Baiano, 2021. Mimeo.
- Chaveiro, Eguimar F. *Por uma abordagem geográfica do Cerrado: a afirmação de um território, a negação do bioma – Cartas de luta*. Tese (livre docência), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019
- Harvey, David. *A loucura da razão capitalista*. Tradução de Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Manuelzão. *O terrorismo das barragens*. Revista Manuelzão, no 84. 03/2019, p. 22.
- Moraes, Robson. *Águas do Cerrado*. Cidade de Goiás: UEG, 2022.
- Souza, Marcelo. *Ambientes e territórios: uma introdução à ecologia política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.